

PALESTRA*INFORMAÇÃO, SABER E COMUNICAÇÃO***Lucien Sfez**Professor Titular de Ciência Política, Universidade de Paris I, Panthéon, Sorbonne.*

O tema "Informação, saber, comunicação" parece indicar uma sucessão ininterrupta, uma continuidade bem articulada entre os três termos. Ou seja, a passagem de uma informação correta a um saber adequadamente sustentado e daí à comunicação transparente deste saber, dirigido a cada pessoa.

Esta sucessão não causa surpresa, ela é quase consensual. Essas três etapas encontram-se em qualquer atividade de pesquisa, em todo trabalho que gere conhecimentos, com vistas a "comunicar a informação", segundo a fórmula estabelecida.

A esta crença ingênua vêm-se incorporar todo tipo de reflexões e de comportamentos habituais: as idéias, por exemplo, de que nada sabemos do que acontece, por falta de informação; ou, por falta de transparência, porque as informações seriam "retidas" na fonte. Outra idéia é a de que, por causa desta retenção de informações, o saber não pode ser democraticamente partilhado por todos e, por isso, a comunicação não "funciona" como deveria. E, por isso, acusa-se indiscriminadamente os tomadores de decisão, a imprensa, o governo, os técnicos, as instituições...

Ora, uma análise um pouco mais atenta revela que a tríade informação-saber-comunicação não existe espontaneamente e que a ligação que se supõe nela existir é mais do que duvidosa.

O exame dos termos**A informação e o saber**

A informação não concede, por si só, o saber. Todos os pesquisadores bem o sabem: a coleta de documentos não é senão uma etapa embrionária do trabalho de organização que se lhe segue. A organização, sim, pode dar acesso a um determinado conhecimento do assunto. Mais ainda, os pesquisadores sabem que é preciso interromper, em um certo momento, a acumulação de documentos, sob pena de ficar "submerso" sob o volume de informações. Por experiência concreta, eles conhecem bem a regra: muita informação, nenhuma informação. É a própria regra dos limiares da Teoria da Informação. É também a lei da memória que, para ser exercida com eficácia, deve se livrar do supérfluo.

* Palestra proferida no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, CNPq/IBICT-UFRJ/ECO, em 10 de outubro de 1996.

Digamos, então, que há uma ruptura entre informação e conhecimento. Que há dois níveis separados, que não são ligados entre si senão sob certas condições. Uma delas é a da triagem da informação visando o seu futuro manuseio, e, portanto, de um projeto, de uma estruturação. Outra condição é o "tratamento" que corta ("decupa") os dados e os depura das impurezas. Conhecer é colocar em ordem. O saber não é mecânico; ele exige o distanciamento, o estabelecimento de prioridades e hierarquias, surgindo após um longo exercício.

Enfim, se a informação plena e abrangente pudesse ser transmitida e acessível, de forma ideal, a todos, daí não decorreria que o saber também pudesse sê-lo, nem que a ele corresponda uma quantidade x de informações.

A esta primeira distinção, acrescentam-se as que existem entre informação e comunicação e entre comunicação e saber. Aqui, também, mudamos de nível.

Comunicação e informação

É costume dizer-se que a comunicação libera informações que passam por um "canal", o qual, sabe-se, age sobre o conteúdo da informação e o modela a seu arbítrio. O ponto de vista atual é que o axioma *media is message*, de McLuhan, não pode ser posto em questão. A comunicação depende, então, tanto do emissor como do canal de transmissão, e do receptor que a interpreta segundo suas próprias capacidades.

Comunicação e saber

Ao chegar ao receptor, a comunicação encontra, da parte deste, um "terreno", ou seja, **competências**: a) **lingüística**, quando o receptor compreende os termos da linguagem; b) **enciclopédica**, quando ele sabe mais ou menos do que se fala. É nesta condição que ele pode compreender e interpretar a mensagem.

Portanto, além da comunicação não construir este saber, ela está submetida ao saber preliminar, que é o do receptor. Este saber pode ser explícito - no caso de conhecimentos bem formados, de tipo científico - ou implícito, quando se trata de pressupostos culturais.

Vê-se que não há, aqui, uma linearidade contínua, como pretende o senso comum, mas uma circularidade: o saber sobre o qual a comunicação das

informações vai incidir já existe e serve para interpretá-la. Mas este saber é, naturalmente, formado por mensagens anteriores, geradas por uma aprendizagem social e vindas de uma herança cultural, irrigada pelas experiências pessoais.

A idéia de que a informação poderia ser igualmente distribuída por uma comunicação que apenas a transmitisse, pareceria não somente um erro, disfarçado em utopia, mas um perigo real. Isto equivale a atribuir um poder total a um circuito pretensamente "claro" e democrático, reforçando, com suas vantagens, uma tecnologia que impulsiona à construção de "**máquinas de comunicar**" cada vez mais sofisticadas e, portanto, cada vez mais restritivas.

Isto significa também ignorar que a circulação da informação nos canais da comunicação generalizada, graças à velocidade cada vez maior da telemática e da micro-informática, gira em torno de si mesma e torna-se repetitiva, ou seja, **tautológica**. Isto pode ser facilmente observado, entre outros exemplos, nos canais de televisão, animados por um único centro de informação, como a CNN. Os veículos se repetem incansavelmente: a imprensa remete aos canais de TV, que se remetem a si mesmos.

Os "informadores" e os fabricantes de mensagens tentam abrandar este defeito, recorrendo à forma e à imagem "diretas", que são a prova irrestrita de que tal coisa existe, já que alguém a mostra. O discurso - subentende-se - pode errar ou mentir, mas a imagem não mente jamais.

De tanta informação, o receptor-espectador fica prisioneiro de um universo mudo: transforma-se em uma espécie de **autista** e sofre a dominação **totalitária** das novas tecnologias da comunicação. Como chegamos nós a este ponto?

Nunca se falou tanto em comunicação, em uma sociedade que não sabe mais se comunicar consigo própria, cuja coesão é contestada, cujos valores se debilitam, cujos antigos símbolos não conseguem mais unificar os elementos esparsos do *socius*. Sociedade centrífuga, sem regulador. Ora, nem sempre foi assim. Não se falava de comunicação na Atenas democrática porque a comunicação era o próprio princípio daquela sociedade. Era o lugar conquistado pelos homens, em sua difícil arrancada do caos, lugar esse que atribuía sentido ao sistema, em todas as suas faces, política, moral, econômica, estética, em relação ao cosmos. Este lugar era chamado de *philia*, amizade política. Rousseau detestava a comunicação, que ele

não desejava instrumental, e prezava a *philia*, que ele colocava, como os gregos, no centro, na fonte de toda atividade, na Santidade de seu contrato. A comunicação tampouco era problema para a Cidade Cristã, e isto pelas mesmas razões: localizada no fundamento mesmo do cristianismo, ela expandiu o lugar grego até o Universo.

Hoje, perdemos a trilha destes primeiros princípios, que asseguravam a coesão do conjunto: dispersão, emaranhados, superposições, avanços e recuos, enfim, uma Babel. Falamos cada vez mais, porém ninguém se entende como antes. Daí, dois movimentos perceptíveis em todas as práticas: localização e reatamento. Localizar é analisar, discernir, buscar o ângulo adequado de ataque, o qual se acaba descobrindo, provisoriamente pelos meios mais sofisticados. Em seguida, reatar, pois as diversas localizações são sempre dispersas: prodigioso esforço de comunicação. Em suma, Deus, a História, o Deus laicizado, as antigas teologias fundadoras de grandes figuras, como Igualdade, Nação e Liberdade, desapareceram enquanto meios de unificação. Ora, estas figuras permitiam ver com clareza, situar-se no mundo, agir conscientemente. É neste vazio que nasce a comunicação, como empreendimento de ligação das análises especializadas, dos meios muito compartimentados. Esta parece ser a nova teologia dos tempos modernos, fruto da confusão dos valores e das fragmentações impostas pela tecnologia.

A sociedade de comunicação¹

O que significa a expressão "sociedade da comunicação", pela qual se autodesigna nossa sociedade de hoje? Assim o fazendo, a sociedade não faz mais que dizer: "eu sou sociedade". Ela reafirma o elo que une, entre si, suas partes. Truísmo ridículo, ou melhor, tautologia.

Dizer que somos o que somos é, de fato, um curioso modo de se definir, uma espécie de auto-referência, um autocentrar-se. Neste nível de generalidade, comunicar é um atributo substancial, que indica somente uma constituição necessária, mas que não dá acesso aos modos de gestão deste atributo. Em outras palavras, essa forma é desprovida de sentido. É uma falsa janela, uma repetição.

Para definir as sociedades de comunicação antigas e a da Roma cristã, era suficiente o homem, animal político dotado de linguagem. Alguma vez vimos estas sociedades invocarem a comunicação como sua própria substância?

Enunciar assim sua identidade - repetindo e reafirmando a ligação necessária de suas partes como fundamento de uma forma de sociedade particular - faz da expressão "sociedade de comunicação" um fenômeno significativo. Dizer e anunciar *urbi et orbi* que ela é "de comunicação" é, para a sociedade atual, evocar um certo mal-estar, lutar contra a ofuscação e o desligamento, a possível atomização, e determinar, com nostalgia, o declínio de uma certa qualidade de ligação social. Exorciza-se assim o demônio do desaparecimento da sociedade como tal, do político enquanto político e até do homem como até então definido pelo pensamento clássico, que dele fazia um "homem de palavras".

Esta tautologia é um sintoma que merece análise: veremos que ela reflete outras tautologias e até uma tendência das práticas e teorias atuais para o autismo e o totalitarismo.

Denominei **tautismo** a um neologismo por mim criado e que proponho como uma contração de **tautologia** (repito, logo demonstro) e de **autismo** (o discurso mediático que nos torna surdos-mudos, isolados uns dos outros), e que evoca uma intenção totalizante, até mesmo totalitária.

Parece que chegamos a um ponto curioso e mesmo inédito na história de nossas civilizações, um ponto limite, em que o espetáculo em exibição, e no qual se supõe uma distância entre o espectador e o palco, nos inclui nesse palco e leva-nos a crer nessa inclusão. Bem sabemos, entretanto, que somente a eletrônica e os dispositivos complexos nos põem em conexão com o emissor remoto. Porém, a distância geográfica e as intermediações tecnológicas, longe de darem um sentimento de artificialismo, oferecem a face de uma natural espontaneidade. As mesmas observações podem ser feitas com relação aos canais hi-fi, em particular ao disco laser, que nos fazem crer, pelo efeito estéreo, que estamos localizados no meio da orquestra, atuando, embora saibamos, igualmente, que os registros foram operados seqüência por seqüência e numericamente articulados.

1 Não seria demais recomendar aqui a leitura do livro de Georges Ballandier, *Le Détour* (Paris: Fayard, 1985), e especialmente sua segunda parte, relativa à modernidade, dimensão essencial à comunicação, que o autor evoca, aliás, em vários pontos da obra.

De fato, há algo estranho nesta questão. Na dramaturgia grega da Atenas democrática, racional e discursiva, o espetáculo permitia, pela catarse, a irrupção do passado arcaico. O drama era nitidamente mito-lógico, mescla de aspectos míticos, vindos do fundo das eras e cuja racionalidade é de caráter argumentativo. Esta mistura passava pelo corpo - nosso corpo - próximo do palco, e com este urdia um tecido de humores, mil conviências. Todos nós, em conjunto, sofriamos com Antígona, ou nos lamentávamos com Édipo, ou éramos golpeados pela cegueira lúcida, como Tirésias. Era a purgação de nossos desejos, a liberação dos humores de nossas paixões.

Os mesmos fenômenos catárticos de comunhão ocorrem em uma reunião, manifestação, ou até em um seminário.

Quando da viagem do Papa à Polônia, uma multidão em delírio liberava-se de seus medos, ao contato físico de sua batina. Havia, entretanto, uma diferença: a viagem pontifical foi teledivulgada em todos os países do mundo. As famílias, reunidas em torno de um televisor, comungaram à vontade. Mas será que se tratava realmente da mesma comunhão? A dos poloneses, in situ, era real, face a face: o "exército vermelho" não estava longe, a polícia estava muito próxima, em um círculo de fome, privações e ameaças. A comunhão dos telespectadores era somente "do espetáculo", na imaginação. Falar aqui de comunhão suporia que o corte (a "decupagem") da imagem não mata a imaginação, e que o comentário do jornalista não molda o pensamento. Estes postulados não são insignificantes. Observemos, pelo menos, que a estrutura da comunicação difere. Em uma dramaturgia antiga, há uma estrutura dual, entre atores e espectadores, uma distância-ligação "ao alcance da mão". Quanto à televisão, a estrutura é triádica: o espetáculo, o meio (a tela catódica e seus comentaristas) e o espectador. Aqui, os intermediários dominam pelo enquadramento da imagem, a escolha do instante, o enunciado do discurso. Na dramaturgia antiga, os intermediários estão ausentes e os atores são seus próprios relações-públicas, falando diretamente aos homens e aos deuses. Isto quer dizer que eles representam (a denominação correta de um espetáculo é a "representação") e se expressam, ao mesmo tempo, com a espontaneidade sempre cambiante de seus corpos, em convivência com o corpo sempre mutante do espectador. Representação e expressão são simultâneas na liturgia ancestral, enquanto, na liturgia televisiva, cremos estar imersos na expressão pura, justo onde há

exclusivamente montagem e encenação. É este o paradoxo que devemos analisar.

O tautismo

O tautismo é a confusão de dois gêneros. Acreditamos estar no reino da expressão imediata, espontânea, embora ali domine, soberana, a representação. Delírio. Penso exprimir o mundo, este mundo de máquinas que me representam e que, de fato, se expressam em meu lugar. Circularidade e inversão: eu me apodero das encenações televisionadas como se fossem minhas. Tenho a ilusão de estar ali, de fazer parte delas, quando não há senão cortes ("decupagens") e escolhas, anteriores a meu olhar. A tal ponto que acabo entregando, à máquina social, televisiva ou "informática", minhas próprias faculdades. Uma vez que as entrego, elas retornam a mim como se sua origem estivesse alhures, em outro local, no "céu" tecnológico. Isto se dá à semelhança da concepção de Feuerbach a respeito do retorno, na qual Deus, criado pelo homem, impõe-se a ele como seu produtor. Esta análise encontra uma surpreendente confirmação em "The second self" ("O segundo ego"), de Sherry Turkle, obra que analisa a atitude das crianças e adultos diante do computador: eles lhe atribuem alma e crença, desejo e identidade. Esta máquina, feita de representações e simulações, torna-se, então, o único real expresso. Doravante, é a máquina que forma e informa, dá alegria e vida.

Estamos, portanto, na "**sociedade Frankenstein**", essencialmente caracterizada por uma infinita circularidade. O produtor é, ao mesmo tempo, produto e produtor. Não há começo nem fim. Não há mais limites. Antigo sonho ou pesadelo do monstruoso duplo que, enfim, se realiza. Fechamento.

Vivemos já uma outra aventura, uma outra relação com o mundo e com nossos semelhantes, sem que disso tenhamos uma clara consciência.

Não estamos mais instalados no sistema clássico de uma encenação, de uma representação à distância. Nelas, o espectador-cidadão sabia que assistia a um espetáculo, aplaudia ou vaiava, aprovava ou contestava os atores em cena ou o grupo no poder: neste sentido, a "sociedade do espetáculo" tornou-se tema fora de moda, porque esta sociedade não procura mais se olhar no espelho. Na relação com a natureza ou com as máquinas, esta "tomada à distância", conforme vimos, estava dominada pela preposição "com". Uma

relação utilitária, um instrumento que, estabelecendo a distância entre sujeito e realidade, os mantém, um e outra, intactos.

Não vivemos mais em uma sociedade expressiva, marcada por autogestões locais, prestes a se generalizarem segundo o modelo dos teatros experimentais, que mesclavam, na alegria, espectadores e atores. Nesta fusão, cada um, à maneira de Rousseau, consente livremente em entregar uma parte de si mesmo à coletividade, sempre sabendo conservar o charme de sua individualidade com privacidade. Na relação com a natureza ou com as máquinas, esta fusão expansiva era dominada pela locução "no interior de". Relação não totalitária com a natureza, com a qual se desejava uma união, conservando uma atitude distante, na qual o indivíduo mantinha sua liberdade de expressar, a cada vez, sua posição justa diante dos acontecimentos. "Festa à Rousseau" ou autogestão socialista, são formas possíveis dessas experiências repetidas, desse caloroso vínculo social, às vezes em ebulição.

Representação e expressão: duas visões do lugar social, cada uma com sua força, encontrando, na outra, compensação para seus limites.

Este sistema autocorretor, porém, parece ter se desmoronado, porque o tautismo já chegou, gerando confusão entre a representação e a expressão.

O tautismo: outra descrição

Este tautismo pode ser circunscrito em seus percursos e espaços: tanto na *quick therapy* como no *double self* do computador humano, tanto nos estudos dos meios de massa como na ciência cognitiva.

Surdo a toda objetivação e a toda limitação, oriundas da representação ou da expressão - pois que ele as reúne em um todo - o tautismo utiliza a tautologia como única verificação: se eu repito, eu provo. O tautologismo, aqui, está anexado à surdez, ao autismo. Patologia das teorias da comunicação, levadas a um extremo no qual nada mais há a dizer, a comunicar ao outro, a compreender como "real", a não ser a mera e artificial repetição de um eu tão "desrealizado" que se confunde com seu duplo. E se não se trata de um autismo, no sentido clínico do termo, trata-se, pelo menos, de um tautismo, um fechamento solipsista, sem outra saída a não ser conformar-se com o deus

"computacional" e com a religião de uma comunicação vazia.

Esse fenômeno tautístico pode ser assim descrito: não se considera mais o real como algo representado. Ele tampouco é o que se inventou com esse nome, para exprimi-lo. No tautismo, toma-se a realidade representada pela realidade expressa, o representado pelo representante. Tomam-se as realidades de segundo grau (formadas pelos emissores) ou as realidades de terceiro grau (formadas pelos receptores) pela realidade de primeiro grau, única e sempre a mesma, que se confunde com os dados brutos, como se estes existissem, como se a cadeia dos intermediários - que extraíram a informação e a enquadraram, até chegar ao receptor - fosse bruscamente suprimida, como se o próprio receptor não passasse de algo que absorvesse, sem restrições, qualquer sinal transmitido. É o totalitarismo do tautismo, a muda loucura da negação do real. Mirada totalizante e fechamento circular, descritos por Baudrillard, que para isso contribui, sem o saber. Não existe saída possível, como ele mesmo diz, quando se passou o "ponto Canetti", quando se sai da História para entrar na sideração. Veremos. Há que denunciar, ao se descrever, buscando desse modo uma saída. Mas, por enquanto, a situação é a seguinte: na maioria das vezes, as sondagens criam o acontecimento, ao pretender descrevê-lo.

Tautismo, dizemos, é a contração de dois termos: autismo e tautologia. Autismo, doença do autoaprisionamento, na qual o indivíduo não sente necessidade de comunicar seu pensamento ao outro, nem de adaptá-lo ao pensamento dos outros, e cujos únicos interesses são a satisfação orgânica ou lúdica.² Chama-se tautológica toda proposição idêntica, cujo sujeito e predicado são um mesmo e único conceito, ou ainda, seguindo Wittgenstein, toda proposição complexa que continua verdadeira em virtude apenas de sua forma, qualquer que seja o valor de verdade das proposições que a compõem. O tautismo é um autismo tautológico.

Tautismo evoca ainda totalidade: um grande todo que nos engloba e no qual somos diluídos. Viscosidade. Trata-se de um tautismo ou autismo tautológico do grande todo, que não tolera qualquer fragmento em seu interior, mesmo sujeito a uma hierarquia, o que o tautismo não quer. Este recusa a diferença entre a parte e o todo, mesmo que esta parte represente o todo: visão

fragmentadora, na opinião de Anne Cauquelin.³ Com mais razão ainda, o tautismo recusa a visão clássica dos teólogos medievais, do totum integral (todo que integra hierarquicamente as partes), visão que, no Ocidente, nos tranquilizava.

O tautismo: manifestações práticas

Na vida prática, o que dizer da criança americana que, por dia, passa sete horas diante da televisão, telefona outras cinco horas e "martela" seu computador durante muito tempo? Ela faz suas tarefas sozinha, com os amigos ao telefone ou usando o computador, olhando sem olhar, ouvindo sem ouvir a TV. Que visão da realidade constrói essa criança, a não ser de uma realidade distanciada, fragmentada, fluida e imaginária como o deus escondido de Goldman?

Não vivemos isso ainda na Europa, mas os cem mil computadores de Laurent Fabius nas escolas, ou as práticas italianas de ligar, simultaneamente, numa sala, vários aparelhos de televisão, indicam que estamos seguindo esse caminho: imagens em geral - imagens brilhantes e diferentes, sempre ligadas pela máquina - chegam de toda parte. As mensagens se anulam, para deixar subsistir apenas o rumor. É grande a tentação de identificar-se com esse rumor, deixar-se por ele possuir, nele fundindo-se, até o mutismo.

Na ciência cognitiva, as manifestações do tautismo - cuja estrutura a Escola de Viena profetizara, ao anunciar que todas as proposições da lógica e da matemática se caracterizam por serem formais - podem ser percebidas, mas nada nos ensinam a respeito da realidade e, assim, merecem o epíteto de tautológicas⁵.

Tanto na prática concreta, como no imaginário que aí se instala, o que acontece com os hackers (ou fanáticos do computador, eventualmente perigosos para os sistemas) e com as crianças? Não seria o caso de uma verdadeira "conversão", no espetáculo cotidiano, e de uma cohabitação permanente do homem com a máquina? Não se poderia falar de cura informática, que viria substituir a cura analítica? O second self, descrito por S. Turckle com ironia e precisão, parece instalar-se em nossa intimidade, introduzindo nos lares a figura perplexa da sociedade Frankenstein.

Esse processo de cura, seguido por milhares de homens comuns, atinge o apogeu, uma quase consagração: cérebros elegantes propagam essa "religião" e seguem-lhe os ritos diurnos e noturnos, no último andar do MIT, de onde inoculam sementes em todas as direções...

A ciência cognitiva oferece seus títulos de nobreza ao tautismo. A sociedade Frankenstein tem não apenas seus curandeiros e meios, mas também, e mais divinamente, sua Ciência.

É possível seguir as manifestações tentaculares desse movimento em diversos campos, práticos ou teóricos. Aí reside uma tentação comum, de se deixar levar pela espiral da paixão pelo Todo-em-Um, sem mais distinguir entre o que é próprio de si e do mundo, lançando-se cegamente na matriz tecnológica do computador...

Mesmo em um campo como a terapia analítica, quando se trata de paciente, sofrimento e cura, o movimento tautístico apodera-se da palavra curativa, para arrastá-la ao turbilhão. Vamos avaliar isso por meio da *quick therapy*, essa curiosa prática norte-americana, cujos meandros seguimos, com B. Shaw e W. Erhard, e que eu qualifico de "terapia Frankenstein".

Dentre essas práticas, a mais visível e cotidiana é a dos *mass media*, que nos afeta a cada instante e pode, perfeitamente, nos introduzir ao tautismo. As práticas mediáticas pelas quais todos - assim como nós - nos informamos sobre os acontecimentos do mundo em que estamos imersos, quase escapam à superposição representar/expressar.

Essa superposição leva-nos a uma confusão entre emissor e receptor, o que nos impede de encontrar a fonte do real, fora do circuito fechado das mensagens que eles trocam entre si. Frankenstein interfere também nos *mass media*: o tautismo está presente onde parece haver menos mutismo. É porque, de tanto falar, não se diz mais nada, e a prolixidade, como acontece com o psitacismo, leva à repetição vazia, ao tautologismo. Qualquer palavra tem aí o mesmo peso de irreabilidade.

Como resistir a esse movimento de conjunto? Pela interpretação, ou política do comentário, o que pode nos fazer entrever o magnífico diálogo de Moisés e Aarão.

3 Ver, da autora, *Court traité du fragment*, Paris: Aubier-Montaigne, 1987.

4 CAUQUELIN, A. *L'inestimable objet de la transmission*. Paris: Fayard, 1985, p.116.

5 LALANDE, A. *Vocabulaire critique de la philosophie*. 6. ed. Paris: Presses Universitaires de France, 1951. p. 1103.

O diálogo de Moisés e Aarão

Nesse diálogo, estão presentes primeiramente dois atores, duas elites que se opõem: a da escrita (Moisés) e a da imagem (Aarão). Mas eles não estão sós no deserto. Eles dialogam diante de um terceiro ator, o povo - que grita, atíça, conta os golpes - em suma, dialogam em comunidade. Há, ainda, um quarto ator, mudo, que observa. Ele se autoneameava Deus, como mais tarde foi chamado de Verdade Científica, Verdade da História, ou Horizonte de uma Verdade Ética.

Aarão tolerava as imagens e até deu forma ao bezerro de ouro. Moisés as detestava. Aarão desejava aproximar-se do povo, difundir os Dez Mandamentos, por todos os meios úteis. Moisés recusava tais vulgaridades, condenando-se assim à solidão. Aarão era homem de comunicação, sem dúvida o primeiro na História. Moisés era o homem da anticomunicação, também o primeiro, antepassado de Rousseau. Tratava-se de um jogo desafiante: difundir, por todos os meios, a palavra correta, entrar no jogo de uma comunicação tolerante face a outras formas de comunicação. Era admitir a idolatria do bezerro de ouro - pelo menos por um momento - aguardando que a boa palavra vencesse. Recusar a comunicação, seria, sem dúvida, ficar incólume, mas impotente.

Debate doloroso e sempre atual. A comunicação é eficaz e carregada de ouro. A não-comunicação é divina, carregada com o peso de suas revelações progressivas e jamais concluídas.

Tudo permanece imóvel, nesse velho debate, inclusive a dominação do duplo, o bezerro de ouro criado pelo homem e que o domina.

Moisés na montanha, Aarão na planície

Mas nada é tão simples assim. Sabemos do que se trata: Moisés vai à montanha para ver Deus, mas demora-se a voltar. O povo se impacienta, pede a Aarão para lhe dar um Deus que caminhe diante dele e o conduza. Aarão não diz "não". Pior: ele diz como fazê-lo. Que lhe sejam dados todos os anéis de ouro e ele dará forma a um bezerro, desse metal, construirá

para ele um altar e lhe oferecerá uma festa que ele proclamará como festa de Javé. A cólera de Javé alerta Moisés. Consternado, o profeta junta-se a seu povo e pergunta a Aarão como este pôde ousar. Dissimulado, Aarão responde: o povo é que é mau (isso é justo) mas, sobre o bezerro de ouro, de soslaio, responde: ele pediu o ouro, "jogou-o no fogo e dali saiu um bezerro." Soberba má fé, que esquece seu papel de fabricante e também o "detalhe" de sua proclamação: "amanhã será a festa de Javé."⁶

Entenda-se bem: Aarão não é um traidor. Ele é um pouco mentiroso, nada mais. Mas é também, e sobretudo, um recuperador que mistura todos os níveis, como qualquer homem de comunicação. Ele certamente viu o povo tomar uma direção errada. Segundo o adágio "eu sou seu chefe, logo eu os sigo", ele dirige as operações e tenta concluí-las em uma festa de Javé. É uma falha grave, pois associa Javé a essa hipocrisia e faz rir todos os egípcios.

No magnífico conflito que, no deserto, os opõe, Moisés é o homem da palavra silenciosa, no mínimo balbuciante e inábil, às vezes traduzida em Escritura. Silenciosa, porque não-contínua, discreta no sentido matemático. Silenciosa e um pouco ativa: Moisés é o chefe; por isso ele não tenta convencer uma pessoa em particular, ou determinado grupo. Não existe "alvo" na comunicação; a própria noção - cara aos publicitários - é o extremo oposto de seus comportamentos.

Não existem as "janelas" localizadas dos *Macintosh*. Ele não pode senão se dirigir a todos ao mesmo tempo, e aos mortos e às crianças que ainda não nasceram. É esta a maior barreira do depositário da memória e das Palavras de Deus, do transmissor das Escrituras, do comentarista. Que peso, que responsabilidade! É ele quem leva ao equilíbrio, um albatroz de asas pesadas. Altivo, Moisés? Sem dúvida. Porém, de uma altivez modesta e até humilde, sob a carga que o esmaga.

Diante dele, seu irmão Aarão, caloroso, dinâmico, como diríamos hoje, respondia a uma necessidade esmagadora de uma ação sempre urgente, e estava seduzido, diríamos ainda, pela modernidade. Tudo o que está disponível deve ser usado para difundir a palavra certa e conquistar os corações, até ídolos, se

6 Todas essas passagens estão na Bíblia, no Êxodo. A batalha entre os dois irmãos é narrada também no Corão. Quando Moisés descobriu a idolatria dos Hebreus, "jogou as Tábuas e, pegando seu irmão pela cabeça[...]" (Corão VII, 150 e 154). "Filho de minha mãe, grita Aarão, não me segure pela barba nem pelos cabelos[...]" (Surata XX, Taha 86-98). Nota-se aqui a violência do debate, mais forte do que no Antigo Testamento. É que o Islamismo é mais rigoroso ao proibir qualquer política da imagem. (Ambas as traduções, inéditas, são de Jacques Berque, a quem agradeço vivamente por ter definido este ponto, acerca do Corão.)

necessário (embora ele o negue, e saiba não ser este o melhor caminho). Segue a voz do povo, o boca a boca, as Escrituras indubitáveis, e até mesmo a palavra silenciosa, escritora, discreta, do inelutável e denso Moisés. Sabe-se que Freud interpreta o desaparecimento de Moisés, bem como seu assassinato pelos hebreus - que não suportavam mais ouvir, repetidamente, o que deviam e o que não deviam fazer - como a morte do pai. Já Aarão não é mais que um irmão, afável, apaixonado; dotado, talvez, de um discernimento menos sutil, porém enriquecido por um temperamento mais comunicativo; além de livre dos constrangimentos de chefe supremo na Terra.

Não se trata de dizer que um estaria do lado da Escrita e do falar silencioso - apesar de tudo, ele fala, e muito, às vezes insuportavelmente - e o outro estaria do lado do ídolo adorado - pois insere em sua estratégia a palavra escrita e silenciosa do primeiro. Há simplesmente um sistema, como se diz hoje, bipolar: um busca a pureza total, indo até a Santidade, o outro é um homem, dotado de todas as suas faculdades de homem e vítima de todas as contradições humanas. Um e outro concorrem para isto, mediatizam-se o quanto podem, até o inevitável conflito. Reciprocamente, um, do lado do Referente, colabora com o outro, do lado da ação. Os dois, apenas os dois, constituem a alavanca de todo poder possível na Terra.

Mas poder sobre quem, participado com quem? Com o povo. Este, que é a comunidade reunida diante dos dois protagonistas, conta os pontos, atíça, consente, contesta e participa com todos os gestos do corpo. Em resumo, nesse diálogo, Moisés e Aarão não são dois, mas três (o povo é o terceiro), e até quatro, contando certamente com o Eterno, que já falou por si e que observa, pronto para também retificar.

O comportamento de Moisés e Aarão, o papel a eles atribuído, o conflito que protagonizam constituem o pano de fundo de todas as análises e práticas concebíveis, interligando comunicação, decisão e poder.

O debate interno do poder e da comunicação

Não se trata aqui de um debate poético e antediluviano, em uma obscura tribo semita. No diálogo de Moisés e Aarão, surge o poder, em suas duas

faces, terrestre e divina. É esse vínculo entre memória e ação que confere equilíbrio ao político, ao governante e à comunidade. É ele que nos preserva das loucuras ditatoriais ou anárquicas, cuja finalidade é uma política sem memória. Juntos, Moisés e Aarão nos facultam a saúde política. Mas, por isso mesmo dão-nos, também, a saúde mental e social. Por esse diálogo, por esse equilíbrio instaurado, não é mais possível a "manipulação" do acontecimento, nem impotência frente a ele.

Nesse diálogo, coexistiam a imagem e a palavra silenciosa da escrita. Hoje, é o excesso de imagem, o excesso de circuitos, de canais, que estão na frente - e muito - do comentário ao texto. Aí está o tautismo em suas manifestações práticas. Contra ele, um único remédio: a política do comentário.

Diante das cautelas do comentário, o tautismo não tem alternativa senão dar-se por satisfeito.

O autismo é esvaziado por um comentário contínuo, comunitário e referido a memórias muito antigas. A imagem é recolocada em seu lugar de instrumento pedagógico. Por mais que ela, como ídolo, se repita, interminável e tautologicamente, será retomada por uma interpretação de tipo lingüístico e escrito, repetida tantas vezes quantas necessárias.

Port-Royal já o sabia, e sua pedagogia limitava a imagem a esse alcance educativo, sempre restrito à linguagem, à moral e à Graça. Na pedagogia católica mais moderna, os limites da imagem são retomados, assim como na religião islâmica, que desconfia da imagem a ponto de proibi-la.

Quanto à vocação totalizante, que empurra o tautismo na direção do totalitarismo, ela é pulverizada pelo corte, pelo interdito e pelo comentário, que cada um pode, livremente, expressar, apropriando-se de antigas lições, atualizando-as *et nunc*, em oposição a tantos outros comentários, que fazem o mesmo, mas de forma diferente. Pluralismo inevitável, o produzido pela interpretação. Eis o único Juízo Final que nos é dado conhecer, em nossa vida provisória e frágil: um penúltimo julgamento, de fato e sempre, anterior ao seguinte e que impede as loucuras sociais.

Estamos totalmente de acordo com o fato de que a interpretação é parte integrante da comunicação, de

7 Em *Moïse et le monothéisme*. Paris: Gallimard, 1948.

8 Ver SFEZ, L. *L'enfer et le paradis*, segunda parte, capítulo IV.

9 Jean-Michel di Falco (*Du côté de l'école*. Paris: Ed. Nouvelle Cité, 1986, p. 127), insuspeito em relação ao audiovisual, traça, no entanto, solidamente, seus limites.

que não há troca de palavras sem que a intervenção da interpretação, em algum nível. Por outro lado, referimos essa interpretação a uma função simbólica, à medida que ela lê e liga os signos, entre si, pela **mediação de símbolos interpretantes**. Deveremos, portanto, reconhecer, que ela se situa do lado oposto da confusão tautística.

A interpretação é, conseqüentemente, uma atividade de composição, visando a singularidade e não o universal, ao qual ela só chega por acréscimo. Seu trabalho é separar, selecionar e aceitar certas ligações, excluindo outras, pois a interpretação está limitada pelo momento determinado, no qual se situam os intérpretes.

Contra a idolatria, contra a loucura

A questão é que a interpretação é separação, porque essa barreira diáfana, que envolve o sentido, manifesta-se na opacidade da língua e provoca, ali, nosso trabalho de composição. Sem essa distância, que é tensão, não há linguagem, comunicação ou comunidade, que atribua sentido. Essa separação tem sua fonte em outro distanciamento, o do Criador e da criatura, associados sem jamais se identificarem mutuamente.

A idolatria consiste, segundo os Textos Antigos,¹⁰ em confundir o criador e a criatura. Conseqüência inevitável: as coisas aparecem como criadas pela criatura, com quem o mundo então se identifica. Uma confusão, um empreendimento diabólico e uma loucura individual e social.

Os idólatras da comunicação tautística querem, sem dúvida, escapar a essa separação primordial, que assegura a modéstia de um trabalho sem fim e remete, ao mesmo tempo, ao velho mundo e a seu mito de origem.

Nesse sentido, a política atual de comunicação de todas as nações do mundo, o tautismo, é, incontavelmente, o mal absoluto. Contra ela, a política do comentário. A escrita, o silêncio e a imagem, coexistindo: Moisés e Aarão.

Conclusão

Se recorri a esse mito, a essas imagens simbólicas, foi porque ele me parece ilustrar, de maneira bastante clara, o "dever de interpretação" que hoje nos compete. Sabe-se que Kant falava de um "dever de comunicabilidade da obra de arte". Para que esse dever se realizasse, ele havia primeiramente excluído da obra todo interesse e utilidade imediatos, separando-a também de qualquer conceituação desenfreada. Para ele, a comunicabilidade de uma obra - e poderíamos estender este princípio a toda comunicação - exigia um espaço de recolhimento, um tempo para pausa. É este lugar e este tempo que a ideologia comunicacional recusa, apresentando como um fato acabado a continuidade "informação-saber-comunicação". É esse tempo e esse lugar que o tautismo quer ignorar e que devemos manter abertos. Significa, para nós, a possibilidade de manter nossas memórias mais remotas, nosso vínculo com o passado, sem o qual não há mais lugar nem tempo.

10 LEVINAS. *L'au delà du Verset*. Paris: Editions de Minuit, 1981, p. 188.